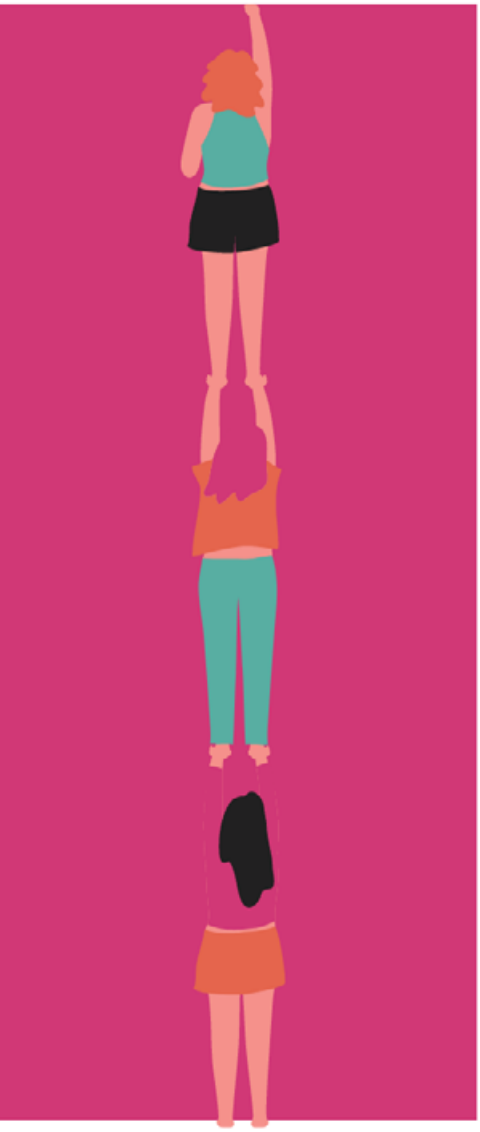
ANTI CAPITALISTA

N.º 37 (SÉRIE II) – MARÇO 2021

ANTICAPITALISMO E INTERSECCIONALIDADE NA LUTA FEMINISTA
P. 03

A CAMINHO DO 8M: NA AMBIÇÃO DA LUTA TODA!
P. 04



SE AS MULHERES PÁRAM, O MUNDO PÁRA

O MARCO QUE SE CONSTRÓI EM MARÇO

O mês de março é um mês de greve e de combate, assinalado no dia 8 como uma ocupação e uma repolitização do Dia Internacional da Mulher. Tratou-se de uma devolução, em plena insurgência, de um significado perdido na espuma dos dias e na futilidade ritualizada das sociedades de consumo, mas que hoje se retoma em pleno direito. O 8 de março é um marco de retoma da luta feminista através da ação consequente do movimento social.

No mundo da disparidade salarial, no espaço das invisíveis, do trabalho não reconhecido e não pago, da divisão sexual do trabalho ou da violência física ou simbólica sobre as mulheres trata-se de abrir possibilidades e de gerar alternativas. Os feminismos que recusam ser adereços ou bandeiras de apenas um dia são vozes dessas alternativas. A recusa e a superação de um modelo patriarcal, sem concessões para com a naturalização das desigualdades da lógica neoliberal, passa pela mulher com pleno direito sobre o seu corpo, sobre a força do seu trabalho, sobre a sua sexualidade e sobre os seus afetos, centro e sujeito do combate contra os mecanismos de uma sociedade injusta. Este combate é diverso, debate-se, mas não deixa ninguém de fora.

Em entrevista, a filósofa feminista Silvia Federici fala das metas e dos desafios mais prementes para a construção de um movimento feminista forte, que trilhe os caminhos necessários a uma escala abrangente, consequente e internacional. Para Federici, o assumir de uma pluralidade que acrescente em vez de excluir passa pela construção de alianças entre as várias dimensões do trabalho reprodutivo, entre mulheres trabalhadoras do espaço doméstico e não doméstico, entre a professora e a cuidadora, entre a ativista e a trabalhadora sexual, entre a sindicalista e a precária… entre todas as que se debatam com dispositivos opressivos que são, afinal, comuns. A greve deve ser este espaço de alianças contra todas as formas de exploração, sem exclusão ou hierarquia de exploradas.

Importa realmente dar lugar aos debates que, assumindo a pluralidade dos feminismos, saibam dar expressão concreta a uma recusa das desigualdades que, na nossa interpretação, são geradas pelo próprio sistema capitalista. Respeitaremos as diferenças e não deixaremos debate por fazer, mas é a partir de um feminismo anticapitalista que travaremos as nossas batalhas e que daremos as nossas razões. O movimento da Greve Feminista, espaço de pluralidade e de negociação, é o lugar necessário do diálogo e da construção de convergências – um marco que se reconstrói em março.

Sem tentações celebratórias, trata-se antes de construir uma responsabilidade coletiva que, recordando Marielle, Lucía ou Gisberta, transporte as vítimas anónimas que floresceram e florescem todos os dias da máquina do capitalismo. Março é um ímpeto, não um segmento de calendário. É com voz e pulso que o enfrentaremos.

Esta é uma publicação da ***Rede Anticapitalista***, em que se juntam militantes do ***Bloco de Esquerda*** que se empenham nas lutas sociais e no ativismo de base.

ÍNDICE

2 *Editorial*
O marco que se constrói em março

3 "E se as mulheres parassem de trabalhar?" Anticapitalismo e interseccionalidade na luta feminista
Sofia Lopes e Mariana Esteves

4 A caminho do 8M: na ambição da luta toda!
Beatriz Pedroso e Teresa Martins

5 O direito à habitação é um direito de todas!
Joana Canêdo e Francisca Ferreira

6 IVG no mundo: as vitórias que dão força para os combates que faltam
Patrícia Felício

7 8 Poemas de Poetas Portuguesas
Leonor Figueiredo

8 Leituras
Antes de mais e depois de tudo, Regina Guimarães
TV / Série
Adult Material, Lucy Kirkwood

Ficha Técnica

Conselho Editorial
Ana Bárbara Pedrosa
Andrea Peniche
Andreia Galvão
Hugo Monteiro
Mafalda Escada
Rodrigo Rivera
Tatiana Moutinho

Design
Helena Borges

Participaram nesta edição
Andrea Peniche
Adriano Campos
Beatriz Pedroso
Francisca Ferreira
Hugo Monteiro
Joana Canêdo
Leonor Figueiredo
Mariana Esteves
Patrícia Felício
Sofia Lopes
Tatiana Moutinho
Teresa Martins

Depósito Legal
441931/18

Contactos
email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**
web **www.redeanticapitalista.net**

"E SE AS MULHERES PARASSEM DE TRABALHAR?"

ANTICAPITALISMO E INTERSECCIONALIDADE NA LUTA FEMINISTA

SOFIA LOPES E MARIANA ESTEVES

O primeiro Dia Internacional da Mulher foi celebrado há 108 anos, e, anualmente, celebramos este dia significativo da longa e emancipatória luta do movimento feminista internacional. O 8 de março é o dia que nos lembra o potencial revolucionário das mulheres, exército organizado que cresce todos os anos. Este ano, em plena crise pandémica, temos muitas razões para fazer greve e protestar pelos direitos económicos, sociais e políticos de todas.

Partindo da divisão entre produção versus reprodução, e assumindo uma análise interseccional, há que destacar a maneira como as mulheres sofrem com a opressão capitalista tanto numa perspetiva profissional quanto pessoal. O trabalho reprodutivo, aliado às cadeias de cuidado transnacionais, não são apenas dois fenómenos profundamente aliados a desigualdades de género, mas também estão intimamente ligados às divisões económicas e sociais que historicamente surgiram com o capitalismo: a divisão do trabalho que coloca os homens na esfera pública a fazer trabalho remunerado, colocando as mulheres responsáveis por trabalho não remunerado na esfera privada. A mulher realiza, assim, um trabalho essencial para o bom funcionamento capitalista: cuida dos trabalhadores atuais e cria a próxima geração deles.

Em Portugal, o trabalho é uma das esferas da vida onde a desigualdade de género é mais evidente. O Inquérito às Condições de Vida e do Rendimento (ICOR), disponibilizado pelo INE, mostra que, em 2019, a intensidade laboral era mais reduzida entre as mulheres. As razões que as levam a trabalhar menos? Entre as que trabalham menos de 30 horas semanais, 11.5% refere dever-se aos encargos de trabalhos domésticos e a cuidar das crianças (face a apenas 0.6% dos homens) e apenas 1.3% afirma estar a estudar ou a receber formação (face a 16% dos homens). Na esfera familiar, as medidas de distanciamento social, como trabalhar em casa e fechar escolas, representam um fardo adicional enorme, em especial para as mulheres.

Esta divisão constitutiva do capitalismo, produção versus reprodução, é completamente renegada e desvalorizada, empurrando quem faz a reprodução social a um lugar de subordinação e dominação, seja aos donos do capital ou a algum indivíduo privilegiado que se pode dar ao luxo de dar essa responsabilidade a outros. Normalmente, aqueles "outros" que realizam esse trabalho são mulheres pobres em grande parte racializadas. É aqui que uma crítica severa ao feminismo liberal deve ser feita, porque podemos ver os diferentes eixos de desigualdade (ou eixos de dominação) encontrarem-se, forçando-nos a ver que a libertação das mulheres deve considerar as lutas de classes e as lutas étnico raciais. As mulheres migrantes são o caso mais óbvio e mais violento: elas não são apenas vítimas da globalização como também do patriarcado e da ordem institucionalizada capitalista; não são apenas trabalhadoras assalariadas, mas também desempenham tarefas de reprodução social para mais de uma família.

As mulheres são também as mais afetadas pela pobreza. Em Portugal, em média, 17.9% das mulheres vivia abaixo do limiar da pobreza em 2019 (versus 16.5% dos homens). Os dados reportam a um período pré-pandemia. A crise pandémica afetou de forma diferente os diversos setores da economia, sendo que os mais afetados contam maioritariamente com mulheres na sua força de trabalho.

Até hoje, por mais que as mulheres tenham lutado e ganho um monte de lutas diferentes, o capitalismo e o patriarcado ainda estão muito presentes nas nossas casas, nos nossos empregos e nas nossas camas. Nos dias 6 e 13 de março de 2021, a Rede Anticapitalista organiza um curso de Economia Política onde analisamos todas estas desigualdades sempre numa perspetiva anticapitalista e interseccional, como a luta feminista deve ser.

"E se as mulheres parassem de trabalhar?" – o mundo pararia também

(Versão mais completa deste artigo em edição online)

A CAMINHO DO 8M: NA AMBIÇÃO DA LUTA TODA!

BEATRIZ PEDROSO E TERESA MARTINS

O movimento feminista é construído pela diversidade, somos muitas e diversas, e sabemos que a luta só faz sentido se chamar toda a gente e apoiar toda a gente. A luta feminista, para a qual gostaríamos de mobilizar todas as pessoas, torna-se mais rica e mais completa se for transinclusiva, pro direitos, antirracista, anticapacitista, anticapitalista, antifascista e articulada com a justiça climática!

A nossa luta é feita através e com esta diversidade, baseada na ideia radical da igualdade de oportunidades para todas as pessoas, porque só assim a luta faz sentido. Dizia Marielle Franco que somos "diversas, mas não dispersas". É com uma perspetiva que sustenta uma ação interseccional das lutas que vamos, de forma consequente, e afetiva, caminhar no sentido de uma sociedade mais justa e inclusiva para todas as pessoas, livres do domínio patriarcal, capitalista e colonialista.

Diariamente ainda vemos os nossos direitos ameaçados e sentimos que vivemos tempos inquietantes, nos quais avanços civilizacionais conquistados, em grande medida pelas lutas decorrentes dos movimentos sociais, começam a ser ameaçados! Não toleramos a possibilidade de recuo em nenhum direito conquistado e reivindicamos ainda com mais força todo o caminho que está por fazer!

A Greve Feminista Internacional surge como resposta à necessidade de existir um movimento que una todas as lutas, numa abordagem inevitavelmente interseccional, em que a nossa diversidade e características concretas são visibilizadas e potenciadas porque é aqui o espaço de construção da sociedade que queremos, ondo todas somos consideradas e respeitadas Só quando as nossas diferenças são reconhecidas e os problemas e discriminações concretas que decorrem dessas especificidades deixam de ser invisíveis é que se podem encontrar caminhos para as combater. É sempre mais difícil combater o que não é visível, reconhecido e assumido como problema, seja porque não afeta diretamente a vida de outras pessoas, ou porque falta consciência política das suas implicações, ou porque abala as estruturas de poder que sistemática e estrategicamente têm vindo a reforçar hierarquias entre indivíduos.

As ameaças que sofremos enquanto mulheres não param de crescer. Somos as primeiras a ser afetadas em situações de crise. A situação pandémica que atravessamos só veio intensificar ainda mais as dificuldades que as mulheres enfrentam diariamente na sociedade, seja porque os nossos setores de trabalho foram os primeiros a sofrer despedimentos em massa, seja porque somos as primeiras na linha da frente dos cuidados, profissionalmente ou em casa, seja pela ascensão da extrema-direita a que assistimos na contemporaneidade, que tem na supremacia masculina branca a sua bandeira.

Por tudo isto é urgente trazer a debate, tornar visíveis fatores de discriminação que todos os dias nos limitam, como o racismo, o capacitismo, a transfobia, o idadismo, ou tantas outras manifestações deste sistema patriarcal, capitalista, colonialista e que se sustenta numa hierarquia que coloca em desvantagem mulheres, pessoas racializadas, pessoas com deficiência, pessoas mais velhas e tantas outras.

Existem diversas palavras que podem descrever o movimento feminista: revolucionário, urgente, marcante, incomodativo, reivindicativo, radical... Queremos e assumimos todas, as palavras e as pessoas, sem medo e sem exceção!

O DIREITO À HABITAÇÃO É UM DIREITO DE TODAS!

JOANA CANÊDO E FRANCISCA FERREIRA

Desde o 25 de abril que as mulheres têm sido protagonistas na luta pelo o direito à habitação em Portugal. Este, assegurado constitucionalmente, tem vindo a ser cada vez mais negligenciado e o seu acesso mercantilizado, ao invés de universal e regulamentado. Atualmente, as situações de precariedade habitacional que afetam mulheres do nosso país, levantam questões fundamentais como a justiça espacial e o direito à cidade, e escondem, a montante, situações de violência de género e violência institucional relacionadas com a desadequação e insuficiência das respostas existentes à complexidade da crise da habitação com origem nas relações sociais capitalistas.

Como é que podemos priorizar os cuidados, sentirmo-nos seguras e livres sem acesso a uma habitação digna?

A especulação imobiliária, a desproteção social, agravada pela situação de saúde pública, e a invisibilidade das questões de género na habitação impelem a reflexões urgentes e políticas públicas interseccionais adequadas. Se no nosso quotidiano lutamos contra o patriarcado, o racismo e o capitalismo, as respostas que exigimos têm que ser multidimensionais considerando a interseção de desigualdades e discriminações, e por isto, do género, da classe, da cor de pele, da orientação sexual, da idade.

Abraçamos o feminismo interseccional que considera as várias lutas em curso, integrando abordagens anticapitalistas, queer/transinclusivas,de justiça racial, pelo o direito à habitação, ao emprego, ao corpo e à cidade, desde a lógica do empoderamento, proteção e cuidados.

Convivendo e trabalhando com e entre mulheres que experienciam diversas situações de exclusão social, trazemos à discussão a importância de uma rede de cuidados e de espaços seguros pensados e construídos em diálogo e colaboração com mulheres afetadas por esta crise. Exigimos, assim, espaços onde possamos ser livres de decidir os nossos rumos, alimentar as nossas redes de afetos e gerar soluções horizontais, onde que cada uma possa redescobrir e participar na cidade em que quer viver. Se para mulheres brancas com ordenado médio se torna difícil a aquisição ou arrendamento de um imóvel, as dificuldades acrescem quando pensamos em mulheres racializadas e migrantes, lésbicas, trans e mães de famílias monoparentais. Para as que têm vínculos laborais precários e/ou informais e que se inserem na economia dos cuidados, bem como, para as mulheres criminalizadas e duplamente estigmatizadas no exercício de profissões não regulamentadas como o trabalho sexual ou por consumirem substâncias ilícitas, ou, ainda, as que vivem em contexto de rua, encontram-se ainda mais afastadas deste debate essencial sobre habitação digna para todas.

Quando as linhas de opressão se sobrepõem torna-se necessário olhá-las holisticamente, pensar o acolhimento com todas e fazer emergir, também, uma visão antiproibicionista para que de facto este direito seja um direito de todas. No combate às desigualdades sociais e no exercício do pensamento anticapitalista, feminista e antiproibicionista, reivindicamos uma cidade onde a especulação imobiliária não contribua como fator acrescido à marginalização de quem mais precisa de dignidade na habitação.

Este é um exercício que é todas, colocar questões, pensar respostas desde o quotidiano, das dificuldades que encontramos e dos espaços que queremos materializar. A liberdade é uma "luta constante" e, por isso, apelamos à participação na greve feminista do dia 8 de março pelo fim de todas as opressões contra as mulheres.

INTERNACIONAL

IVG NO MUNDO:
AS VITÓRIAS QUE DÃO FORÇA PARA OS COMBATES QUE FALTAM

PATRÍCIA FELÍCIO

O dia 11 de fevereiro de 2007 marca uma das maiores vitórias da luta feminista no nosso país – o direito à interrupção voluntária da gravidez (IVG). A conquista conseguiu-se no segundo referendo, onde o "Sim" venceu com 59% dos votos. A IVG na lei portuguesa confere às mulheres a livre escolha de interromper a sua gravidez de forma legal, sem enfrentar os tribunais e de modo seguro e gratuito através do nosso Serviço Nacional de Saúde (SNS). Um direito conquistado para todas, com acesso universal, onde o seu poder económico, idade, nacionalidade, cor de pele ou orientação sexual não são um entrave.

Pouco depois de umas eleições presidenciais, é bom recordar a posição manifestada pelo reeleito Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, que protagonizou a campanha do "Assim não", opondo-se à lei IVG que hoje vigora. Esta vitória progressista assinala a derrota da Direita portuguesa defensora do conservadorismo e autoritarismo, que ameaça as mulheres ao julgamento público devido à decisão que tomam para a sua vida.

Volvidos 14 anos, nem tudo corre às mil maravilhas. A pandemia da Covid-19 que se instalou em Portugal evidenciou as várias fragilidades do SNS, que acarreta com todos os cuidados prestados aos infetados, pondo em segundo plano outras áreas. O constante desinvestimento no SNS resulta no enfraquecimento dos recursos da medicina materno-fetal. Segundo um artigo de Mariana Carneiro no Esquerda.net, são várias as testemunhas que espelham a dificuldade em aceder à IVG durante 2020.

Manifestaram a pouca informação sobre o processo, o excesso de burocracia, o escasso apoio psicológico, a objeção de consciência defendida pelos médicos, o facto dos profissionais de saúde se desdobrarem em várias funções. São estas a maioria das reclamações. Algumas mulheres, que tinham possibilidades económicas, viram-se obrigadas a recorrer a serviços privados para acelerar o processo.

Se observarmos além-fronteiras, testemunhamos avanços na IVG. Na América do Sul, a Argentina terminou o ano de 2020 em grande ao aprovar a IVG pelo Congresso e o Senado argentino. Fotografias e vídeos transmitiram a celebração emocionante vivida nas ruas de várias cidades pintadas de verde pelas argentinas, verde que simboliza o direito reivindicavam há várias décadas. Anteriormente prevalecia a lei de 1921, que criminalizava o aborto, com a exceção da violação e se a gravidez colocasse em causa a saúde da mãe. A lei que criminalizava a IVG conduzia a que várias mulheres recorressem ao aborto clandestino, com pouca ajuda médica, quase sempre correndo o risco de vida. Este tipo de situações eram e continuam a ser recorrentes em vários pontos do mundo, que continuam a criminalizar a IVG, como é o recente caso da Polónia.

Faz um mês que o Governo polaco retrocedeu nos avanços da IVG, ao aprovar a proibição do aborto por malformação do feto. O estado polaco não só retirou às mulheres o seu poder de decisão, como também põe em causa a saúde da criança. Mantêm-se o acesso à IVG para quem tenham sofrido de violação, incesto ou quando há risco para a saúde da mãe. Após o Governo anunciar a decisão, várias foram as manifestações em Varsóvia em protesto e exigindo a reposição da lei anterior. Levantaram-se também movimentos solidários em toda a Europa, Portugal incluído. Porém, o silêncio ensurdecedor das instituições europeias prova que estas vivem bem com o atropelamento aos direitos das mulheres.

Tendo em conta os recentes acontecimentos, torna-se evidente que a luta feminista ganha força e é mais necessária e urgente que nunca. Temos objetivos claros – conquistar os direitos que faltam, não dar nenhum passo atrás e construir uma sociedade mais igual. Apesar dos ataques, continuamos este caminho.

CULTURA

8 POEMAS DE POETAS PORTUGUESAS

Escolhidos por LEONOR FIGUEIREDO

A IMPORTÂNCIA DO PEQUENO-ALMOÇO

qualquer mulher sabe que
é preciso manter as tropas:
passar a ferro as fardas parir herdeiros esfregar o chão / de joelhos o sarro sai melhor
quem mais poderá explicar às crianças a ausência
do soldado do empregado fabril do político fervoroso que põe o pão na mesa [1]
se o sexo é político, imagina as lides da casa
lavar à mão as manchas de vinho / sémen / sangue
fazer a cama quando vazia
reunir no prato os nutrientes necessários
para a capitalização do pai adúltero

depois de fazer o pequeno-almoço
as mulheres-âncora atracadas à enseada
assistem em silêncio à partida das armadas de dom joão, o primeiro / o anterior / o pai deste
para que agora - isto não é novo -
pelo menos quinze mil machos sigam audazes.
a ideia é a de sempre:
queimar florestas / rapinar minas / estuprar indígenas / baptizar terras que já tinham nome
reproduzir hospícios e quartos forrados a papel de parede amarelo
enterrar a semente bem funda no colo do útero

e aos poucos gerar novos e delicados manequins de mãos calejadas
deixar que a geração anterior ensine a seguinte a fazer o café
(atenção. não se faz café de qualquer maneira, é preciso formar uma pirâmide de pó, não deixar que a
água toque no funil, não ligar de imediato na temperatura máxima, dar-lhe o tempo certo de ebulição, mas continuando,)
vertê-lo quente na chávena de manhã
sementar esse pão vaporoso na mesa milagrosamente limpa
colher fruta fresca valorizar a louça lavada
não regressar nunca
à sodoma abandonada
porque nessa
o café já esfriou

quem faz o pequeno-almoço
sabe de tudo isto
retorna a casa só e as mãos
sempre invisíveis
costuram dores como contas de rosário
nos dentes e figos abertos no lugar dos lábios

só quem come o pequeno-almoço
tem a boca demasiado cheia
para perceber o fundamental:
é que sem elas
o mundo não chegaria sequer
ao meio dia.

Francisca Camelo
A Importância do Pequeno-Almoço (2021)

LEI SÁLICA

As mulheres da família sempre
tiveram um jeito quase póstumo
de existir: guardar o lume
em silêncio, comer depois de
servir os outros, morrer primeiro.

Saíam à hora de ponta do destino
para lerem os caminhos perdidos
e coleccionavam a abdicação
em caixinhas de folha, entre bilhetes
caducados ou dentes de infâncias alheias.

Esperavam a vida toda por uma vida
próxima, de alma presa a alfinetes
no vestido preferido para o enterro,
os passos medidos nas suas varandas
a dar para o fim do mundo.

Retomo-lhes às vezes os gestos
neste meu exílio inventado,
mas acaba aqui: vou encher de corpo
a sombra, mesmo que nem tempo
me reste já para a pesar.

Inês Dias
Um Raio Ardente e Paredes Frias (2013)

(Continua online)

DESOBEDIÊNCIA

Não me exijam
que diga
o que não digo
não queiram
que escreva
o meu avesso
não ordenem
que eu acene
o que recuso
não esperem
que me cale
e obedeça

Maria Teresa Horta
Estranhezas (2018)

LEITURAS

ANTES DE MAIS E DEPOIS DE TUDO

Regina Guimarães
2020 | 108 páginas
Exclamação
PVP: ± 14 Euros

Pensamos em antologia, e pensamos num calhamaço, mas a Regina Guimarães e o Rui Manuel Amaral, responsável pela seleção e posfácio, sabem que os livros não são bíblias mas sim diários. A portabilidade de um livro é coisa essencial para a sobrevivência da alma. "Antes de mais e depois de tudo", onde habitam poemas escolhidos, entre centenas, não é para ser comido de uma colherada, é para se ir lendo, cada poema tem o seu tempo e ele espera. O Rui Manuel Amaral descreve a relação da Regina Guimarães com a poesia da melhor forma - "Penso com frequência em alguém tomado pelas palavras, feito de sílaba até à última células. (...) Como outros doam o corpo à ciência, Regina Guimarães entregou o corpo à poesia.".

Boas leituras.

Andreia Quartau

CINEMA/TELEVISÃO

ADULT MATERIAL

Série
(Lucy Kirkwood - 2020)

A minissérie de Lucy Kirkwood, dramaturga britânica é um drama em quatro episódios sobre Jolene Dollar (interpretada pela maravilhosa Hayley Squires que poderão conhecer de "I am Daniel Blake"), porn star, mãe de três, nem santa nem puta, nem emancipada nem alienada, nem livre nem vulnerável, no entanto, tudo isto. A trama, as ações e os diálogos encaram o tema do consentimento e da violação evitando lugares comuns e, talvez por isso, revelando a forma mais comum como são realmente considerados, provocando em quem assiste uma postura de indagação.

A força que as gigantes dos conteúdos audiovisuais ganharam com a pandemia é motivo para grande preocupação. Confinado à caixa mágica e a quem nela manda, o espectro de possibilidades estéticas mirra muito, mas isso não significa que não haja pérolas entre o lodo e sargaço destes conteúdos que tanto nos enredam (esta série está na HBO, mas os piratas é que dominam o mar).

Amarílis Felizes

ACONTECE

DEBATE "A PRECARIEDADE DAS NOSSAS VIDAS"
Greve Feminista Internacional
3 Março, 21h

ECOFEMINISMOS NA AGENDA POLÍTICA?
Greve Feminista Internacional
6 Março, 18h

6º ENCONTRO NACIONAL PELA JUSTIÇA CLIMÁTICA
12 e 13 de Março

CURSO DE ECONOMIA POLÍTICA/ REDE ANTICAPITALISTA
6 e 13 Março

GREVE FEMINISTA INTERNACIONAL
8 de março

150 ANOS COMUNA DE PARIS
18 de Março

CONTACTOS

email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**
web **www.redeanticapitalista.net**